
SILVIANO SANTIAGO

Brasil

Por detrás das grades

131

De que moeda o poeta se vale quando entrega um poema à sociedade de leitores? Que moeda recebe ele em troca dos seus contemporâneos?

O repertório de respostas é variado e exaustivo. Se por um lado Ezra Pound é crítico ferrenho da usura, por outro lado, ao querer justificar a validade da palavra poética (ou do julgamento sobre a palavra poética), se vale de uma parábola tomada de empréstimo a Wall Street. Escreve ele em *ABC of Reading*:

If Mr. Rockefeller draws a cheque for a million dollars it is good. If I draw one for a million it is a joke, a hoax, it has no value. If it is taken seriously, the writing of it becomes a criminal act. The same applies with cheques against knowledge» (Pound, 1960: 25).

Não se questiona um cheque bancário assinado por Rockefeller, porque se sabe de antemão que tem fundos na praça. O sistema económico injusto o glorificou por ter sabido acumular o capital em causa e nome próprios.

Já um cheque poético entra em sistema econômico de funcionamento idêntico, só que vai parar em outra contabilidade, a do «conhecimento». Por isso, o seu significado «can only be properly estimated by someone who KNOWS» (p. 25). O senso comum e a atualidade costumam não ser suficientes na avaliação de fundos do cheque poético. O que está em jogo nas palavras citadas de Pound é o fato de que, para se escrever poesia, é preciso antes de mais nada ter nos bancos culturais da praça as reservas proporcionadas pela acumulação de leituras. Pound nos aconselha a voltar aos tempos medievais: «Chaucer wrote when reading was no disgrace» (p. 100) .

Existem, portanto, nos textos de Pound, dois tipos de usura que cumpre diferenciar.

Com a usura financeira «no picture is made to endure nor to live with / but it is made to sell and sell quickly» [...] Usura rusteth the chisel / It rusteth the craft and the craftsman / It gnaweth the thread in the loom» (*Cantos*, XLV, 5). Rockefeller é um divisor de águas que serve para evitar confundir alhos com bugalhos. Ele é, pois, uma metáfora que ajuda a compreender um outro e paralelo sistema não só de acumulação do capital, como também de legitimação de assinatura pelos pares. Complementa Pound: «The dirtiest book in our language is a quite astute manual telling people how to earn money by writing» (p. 89). E acrescenta: «The chief cause of false writing is economic. Many writers need or want money. These writers could be cured by an application of banknotes» (p. 194).

Numa economia de mercado, como a atual, esses escritores se equivocam ao medir a qualidade da própria obra pelos índices da bolsa de valores (ou seja, pelos números da lista de *best-sellers*). As ações sobem ou descem, diariamente. Menos as do grande livro de poemas, que nem sobem nem descem, porque não merecem crédito por parte dos corretores.

A usura poética negocia com o capital individual de leituras e visa ao conhecimento desinteressado. Pound se vale de Hegel como se valeu de Rockefeller por o filósofo alemão ter afirmado: «Man should be prouder of having invented the hammer and the nail than of having created masterpieces of imitation». Ao contrariar o uso utilitário da linguagem, a usura poética escreve «books that are intended and that serve as REPOSE, dope, opiates, mental beds» (p. 88). Ironiza ele: «You don't sleep on a hammer [...], you don't drive nails with

a mattress» (p. 88). Leituras e conhecimento não-pragmático, excessivos, são a garantia de que o novo texto poético pode circular de maneira legítima, sem que um caixa (no caso: um crítico) interrompa a sua circulação por julgar ou que o assinante não tem fundos ou que a assinatura é falsa. A originalidade e a legitimidade do novo produto ficam comprometidas pela falsidade da moeda (André Gide) que o escritor quer passar.

Essa segunda lição se confunde com a do próprio *ABC of Reading*, onde o aspirante à poesia — antes de querer passar a sua moeda poética à comunidade de leitores — é convidado, página após página, a ir subindo, degrau após degrau, a escada do Parnaso (Horácio). Para que a palavra poética circule sem entraves por essa comunidade, é preciso que venha respaldada por uma conta-corrente onde a coluna de crédito seja digna de respeito.

As reservas dessa conta corrente (ao contrário dos fundos na conta «Rockefeller») são um bem comum a todos os homens letrados, porque o conjunto acumulado das moedas que a compõe — o capital literário — se qualifica como história do conhecimento. O uso imaginativo desse capital é que retira a nova palavra poética do campo do «talento individual» propriamente dito e a coloca no campo da «tradição», para retomar a dicotomia clássica de T. S. Eliot. Escreve ele:

No poet, no artist of any art, has his complete meaning alone. His significance, his appreciation is the appreciation of his relation to the dead poets and artists. You cannot value him alone; you must set him, for contrast and comparison, among the dead. I mean this as a principle of aesthetic, not merely historical, criticism.

A distinção de Eliot, acoplada às palavras de Pound, é importante, porque serve para configurar esteticamente a assinatura do poeta e o que se chama tradicionalmente de influência. A assinatura de um texto existe num movimento de diferença: a dele (do poeta talentoso) e a de todos os outros grandes poetas do passado que ele elegeu e leu. De novo, a metáfora de Rockefeller pode ser instigante.

A mais-valia poética é obtida com a exploração de parte da força-de-trabalho dos operários das letras que antecedem o novo autor e é ela, por mais injusto que seja o sistema, a melhor garantia de sucesso artístico do novo livro. Ou melhor: o novo e grande livro de poemas é a moeda que resgata a dívida (ou a ansiedade, para usar o termo de Harold Bloom) que o poeta contraiu com os seus antecessores. O

novo livro de poemas é medíocre porque não chega a resgatar essa dívida. Assim como Rockefeller, na qualidade de milionário, é o maior credor/devedor do sistema financeiro mundial, cada poeta, legitimamente reconhecido como tal, é um credor/devedor do sistema cultural da humanidade. O bom crítico é o que, por um sistema de referências e citações assinala a dívida que está por detrás da mais-valia.

Na verdade, com respeito ao presente e ao futuro, constata-se que assim como Rockefeller viraria um pobre coitado, se resgatasse a sua dívida, assim também um grande poeta nunca chegará a resgatar, a quitar a dívida contraída pelo seu texto (caso a resgatasse, a assinatura não seria em diferença, seria a assinatura de um tolo presunçoso). Por isso, a crítica por mais justa e inteligente que seja, tem papel inercial diante da força artística que perdura na grande obra. Ela vincula a obra ao estágio presente do tempo e, por isso, no melhor dos casos, acerta, sempre se equivocando.

No poema chamado «Escrituras do Pai», de Carlos Drummond de Andrade, lemos estas palavras dirigidas ao Filho: «Estarás sempre devendo / tudo quanto te foi dado / e nem pagando até o fim / o menor vintém de amor / jamais te verá quitado, / pois no livro de escrituras / — capital, juros e mora — / teu débito está gravado».

Jacques Derrida, em *Otobiographies*, comenta de maneira pertinente para o nosso raciocínio as palavras de Nietzsche que se encontram no prefácio a *Ecce Homo*, livro onde o filósofo pretende nos dizer como chegou a ser o que é e onde também nos diz como pretende continuar a viver e escrever. No parágrafo inicial do prefácio, Nietzsche chama a atenção para o fato de que a disproporção entre a grandeza da sua tarefa e a pequenez dos contemporâneos impede que estes o ouçam e até mesmo o reconheçam quando o vislumbram pela Engadina. E acrescenta: «Vou vivendo do meu próprio crédito, a partir do crédito que abro e entrego a mim mesmo».

Na economia de mercado, a escrita filosófica e poética comete um óbvio «criminal act», para retomar a expressão de Pound. O poeta não deve ser expulso da República neo-liberal, deve ser posto por detrás das grades.

Fonte de prejuízos, o poeta passa moedas sem rentabilidade comercial. Ele não entra na corretagem da bolsa de valores do mercado editorial. A moeda que recebe em troca do produto que vai entregando aos contemporâneos é praticamente inexistente ou nula. Por isso, ele a saca indevida-

mente — de maneira transgressora e orgulhosa — de fundos que não lhe são próprios, instituindo um sistema de crédito em causa própria que lhe permite a continuidade da tarefa grandiosa.

No seu próprio tempo, o poeta passa um cheque cuja assinatura só por ele próprio é reconhecida. O poeta é um credor/devedor que vive do crédito que abre para si na espera de que, um dia, ao reconhecerem a assinatura e a moeda que faz circular, possa ter a dívida devidamente compensada pela leitura e o reconhecimento. Ganha-se a poesia num jogo de dados com os pósteros.

Antes de se engajar num contrato com os contemporâneos, o poeta assina um contrato consigo mesmo. Diante da morte, ele valida a própria assinatura que lhe permite continuar a viver e escrever, a despeito de. ■

**Referência
Bibliográfica**

Pound, Ezra 1960 *ABC of Reading*. New York: New Directions [1934].